

DISCURSO, SUJEITO E PODER

Uma análise da categoria remanescente de quilombo nos discursos midiáticos (1997-2011)

Marilea de Almeida¹

RESUMO

Este trabalho analisa nos discursos midiáticos, a partir do final da década de 1990, os significados construídos sobre o sujeito denominado remanescente de quilombo. Interessamos, de igual modo, problematizar as implicações destes significados sobre o tema. Sob o enfoque das concepções de discurso, poder e sujeito de Michel Foucault, discutiremos as relações estabelecidas entre a mídia e a Comunidade Negra Remanescente do Quilombo de São José da Serra, situada no distrito de Santa Isabel - município de Valença - no Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Remanescente de quilombo- Discurso midiático- Modos de Subjetivação

¹ *Mestre em História Social/USS*

INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, no artigo 64 do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), criou um sujeito de direito denominado *remanescente de quilombo*. Este acontecimento jurídico condicionou a posse da terra ao pertencimento étnico. Favoreceu-se, então, que diversas comunidades que antes eram denominadas como *comunidades negras rurais* passassem, assim, se autodenominarem como remanescentes de quilombo.

Este contexto impulsionou a produção de uma série de saberes específicos destinados a explicar, selecionar, separar, identificar quem poderia ser definido como remanescente de quilombo. A este respeito, os espaços midiáticos desempenhariam, ao mesmo tempo, as funções de produzir saberes e oferecer legitimidade àqueles que assim se autodenominaram.

Nossa abordagem sugere que os significados, sobre os sujeitos denominados remanescentes de quilombo, são construídos em condições de possibilidades históricas específicas. Por isso, tomamos como ponto de partida a hipótese de que a luta pela posse da terra está relacionada à disputa política pelos significados do que vem a ser remanescente de quilombo.

Para as análises das relações entre os sujeitos denominados remanescentes de quilombo e a produção dos significados midiáticos, tomou-se como foco de apreciação a Comunidade Negra Remanescente de Quilombo da Fazenda de São José da Serra - situada na região do Sul Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A escolha desta comunidade justifica-se porque este grupo foi identificado como remanescente de quilombo, em 1997, e, desde àquela época, possui notória visibilidade midiática.

Sobre esta relação, problematizamos, em primeiro lugar, uma ordem discursiva, presente no discurso midiático, que naturaliza a relação entre a tradição - *entendida como imutabilidade* - e o sujeito denominado remanescente de quilombo. Em segundo lugar, discutimos as implicações políticas que esta ordem discursiva institui.

Para a apreciação das questões propostas acima, dividimos as análises em três partes. No primeiro momento, apresentaremos os diálogos teóricos que permeiam as abordagens conceituais e metodológicas. No segundo momento, teceremos uma breve descrição sobre o grupo e as condições de possibilidades históricas que favoreceram à sua visibilidade nos meios midiáticos. Por último, a fim de visualizarmos os significados construídos nos

discursos midiáticos, analisaremos os conteúdos discursivos nos fragmentos de fontes midiáticas.

DESENVOLVIMENTO

Os contornos teóricos e metodológicos, deste trabalho, foram construídos por meio de diálogos e aproximações com a obra de Michel Foucault em duas direções simultâneas. A primeira direção, de ordem epistemológica, refere-se à abordagem do autor sobre *episteme*. A segunda, de ordem conceitual, relaciona-se às *conceptualizações* de Foucault acerca de *discurso, poder e modos de subjetivação*.

Para Foucault, a *episteme* é conceptualizada como *condições de possibilidades históricas onde os significados são construídos nos discursos*. Dito de outro modo, a *episteme* seria o terreno em que se ancoram as possibilidades de pensar uma época. (FOUCAULT, 2008, p.214)

Esta abordagem ajudou-nos a desconfiar dos discursos midiáticos que naturalizam e essencializam o aspecto tradicional da comunidade de São José da Serra como um dado. Na acepção de Foucault, tanto a emergência dos discursos quanto as visibilidades que estes produzem estão relacionadas a uma episteme, ou seja, a condições históricas específicas atravessadas por relações de poder. (FOUCAULT, 2008, p.50-51)

Desde modo, o discurso é responsável pela produção de regras sociais. Por exemplo, ao tecemos a análise dos discursos midiáticos sobre a comunidade de São José da Serra, a questão central não é constatar que discursos são mais verdadeiros ou falsos em relação ao referente. Interessa-nos, sobretudo, indagar o que estes discursos nos fazem ver e dizer sobre estes sujeitos. Em outras palavras, que ordem discursiva tais práticas pretendem instituir.

Como indica Foucault (2009, p. 7-36) a sociedade produz uma multiplicidade de discursos; uma variedade de formas de ver e dizer que como as práticas sociais não são neutras, mas, atravessadas por relações de poder. Deste modo, na disputa pelo significado das coisas busca-se instituir uma ordem nestes discursos que seleciona aquilo que é preciso ser dito para a aplicação de um determinado poder.

Assim, discurso, concebido como uma prática de atribuir significados, é atravessado por relações de poder que não apenas reprimem; também criam; produzem sujeitos. Este

exercício de poder “*conduz condutas*” e “*ordena a probabilidade dos acontecimentos*”. (FOUCAULT, 1995, p. 244). A relação de poder que preocupa-nos discutir, neste trabalho, refere-se àquela que cria os sujeitos nos discursos: os modos de subjetivação.

Sobre os modos de subjetivação ou práticas de constituição dos sujeitos, Foucault aborda a questão em duas direções não excludentes. Na primeira direção, analisa os modos de objetivação do sujeito, isto é, os modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder. Outra direção é aquela que o autor denominou de práticas de si, entendidas, por Foucault, como as formas que o indivíduo entra em certo jogo de verdade sobre si e, se reconhece como o sujeito de um discurso. (FOUCAULT, 2010, p. 274-275). Diante dos objetivos propostos neste trabalho, abordaremos nossa temática sob o enfoque da primeira direção, ou seja, como os discursos midiáticos *objetivaram* um sujeito denominado remanescente de quilombo.

Sobre a abordagem metodológica nossas análises foram delineadas a partir da problemática geral da pesquisa e, não por uma busca pela verdade sobre o referente. O diálogo com Foucault desafiou-nos, novamente, a pensar a relação com as fontes na seguinte direção:

“Ora por uma mutação que não data de hoje, mas sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela não considera como sua tarefa primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade, nem qual é o valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos define unidades, descreve relações. O documento não é, pois, mais para a história essa matéria inerte através do qual tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram” (FOUCAULT, 2008, p.55)

Não se trata de hierarquizar as fontes para saber onde está, em meio a elas, a verdade sobre a comunidade de São José da Serra e a categoria remanescente de quilombo. As fontes foram tomadas como artefatos discursivos inscritos sob uma episteme.

A comunidade Negra Remanescente do Quilombo da Fazenda: as condições históricas de sua visibilidade midiática.²

Sobre a Comunidade de São José da Serra, trabalhos historiográficos afirmam que a origem do grupo, que hoje vive na fazenda, está relacionada ao parentesco com ex-escravos. Deste modo, sugere-se que a permanência do grupo nas terras da fazenda durante estes anos passou por diversas fases. Estes momentos dependendo dos interesses dos proprietários, em relação à utilização da terra, ganhava diferentes configurações tais como: diminuição do espaço da lavoura de subsistência para a implantação do gado; utilização da mão de obra na lavoura no regime de colonato; tentativas de retirada do grupo da propriedade. (MATTOS & MEIRELLES, 1998, p.33-34)

Com efeito, no final de 1980 e início de 1990, justamente no momento em que a comunidade atravessava conflitos e instabilidades geradas pelas dificuldades de permanência nas terras que ocupava, foi que a utilização de suas festas com complemento econômico possibilitou a visibilidade do grupo nos meios midiáticos. (ALMEIDA, 2010, p.32)

Isso ocorreu, tanto pela valorização da cultura afro-brasileira, em âmbito nacional, como pela emergência do turismo rural e cultural na região do Sul Fluminense. Estes dois fatores favoreceram o interesse midiático pela comunidade. (Id., Ib., p.33)

Para as análises sobre as relações entre a comunidade de São José da Serra e os meios midiáticos, é importante ressaltar que este trabalho distancia-se de uma perspectiva maniqueísta que pressupõe um papel passivo para a comunidade e de agente para a mídia.

A partir do final da década de 1990, a produção midiática sobre a comunidade foi constante. Para citar alguns exemplos: Revista Isto é (21/05/1997); Jornal O Globo (11/05/2003 e 20/11/2003); Jornal do Brasil (23/11/2003); Jornal O Dia (5/5/2004); TV Globo (13/5/2004); Jornal do Brasil (On line) (Maio de 2007); Revista Raça Brasil (Janeiro/2007). Analisaremos, na seqüência, alguns fragmentos de fontes midiáticas.

A “*Isto é*” foi a primeira revista de circulação nacional que publicou uma grande matéria sobre a comunidade de São José da Serra. No dia 19 de maio de 1997, o grupo foi tema de uma

² A palavra mídia, neste trabalho, é usada para definir um conjunto de meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão e internet) que alcançam amplos setores da população com fins informativos e propagandísticos. (RIBEIRO & HERSCHMANN, 2008, p.18)

reportagem de duas páginas na revista. A matéria, assinada por Liana Mello, recebeu o título: “*De Pai para filho: No interior do Rio, descendentes de escravos vivem sem luz elétrica e lutam para manter a tradição*”. Leiamos trechos da matéria:

Negro no cativeiro. Passou tanto trabalho. Ganhou sua liberdade. No dia 13 de maio.” O canto ecoou forte, ritmado pela batida seca dos tambus. Era terça-feira, 13 de maio. Dia de festa na Fazenda São José, próximo a Valença, na região Sul Fluminense. Ao redor de uma feijoada caprichada, um grupo de negros canta e dança. **Como se o tempo não tivesse passado** por essas bandas, 120 descendentes de escravos comemoram o dia da abolição da escravatura. **Desplugados do mundo dos brancos, sem televisão, geladeira, carro ou mesmo água encanada, os negros da Fazenda São José da Serra vivem como se estivessem ainda num quilombo.**

(...). Não há entre eles quem já não tenha visto ou ouvido falar da Mãe de Ouro - uma divindade em forma de bola de fogo multicolorida que surge no céu, ilumina o roçado e depois desaparece em uma clareira da Serra do Cavalu Ruço. **Esta lenda que povoa o imaginário dos negros desde o tempo da escravidão é cultuada até hoje pelos moradores da Fazenda São José.** Eles acreditam que a aparição da Mãe de Ouro é uma indicação de que algo de bom vai acontecer. (*Grifos nossos*)

Ao lermos o trecho, citado acima, é inevitável associarmos pelo menos três imagens simultaneamente construídas sobre o grupo: a mentalidade exótica; o caráter tradicional; dificuldades materiais da comunidade. Na seqüência analisaremos cada um destes aspectos.

A primeira construção discursiva refere-se à imagem exótica associado ao grupo. Este elemento pode ser inferido ao longo de toda a matéria. No entanto, para nossas análises destacamos o trecho abaixo:

“Não há entre eles quem já não tenha visto ou ouvido falar da Mãe de Ouro - uma divindade em forma de bola de fogo multicolorida que surge no céu, ilumina o roçado e depois desaparece em uma clareira da Serra do Cavalu Ruço. **Esta lenda que povoa o imaginário dos negros desde o tempo da escravidão** é cultuada até hoje pelos moradores da Fazenda São José” (*Grifos nossos*)

O trecho sugere que o exotismo do grupo é construído através da idéia de uma mentalidade ancorada em lendas.

O segundo aspecto que destacamos, na reportagem, está relacionado à imagem do grupo como tradicional. Avaliamos que os significados, a este respeito, foram construídos atribuindo determinadas concepções de tempo e espaço aos moradores de São José da Serra. No que se refere à concepção de tempo, a matéria estabelece entre a comunidade de São José da Serra e

o passado uma relação de continuidade e imutabilidade. Em outras palavras, é como se a comunidade possuísse uma concepção de tempo que não é afetada pelas transformações e mutações do presente.

“Como se o tempo não tivesse passado (...) Desplugados do mundo dos brancos (...) Sem grandes discussões históricas os jovens da Fazenda São José da Serra querem mesmo é continuar dançando o jongo e acreditando nas tradições do seu povo”. (MELLO, 1997; *grifos nossos*)

A idéia de tradição é, também, evocada através da imagem do “quase” isolamento entre a comunidade e o espaço circundante.

“Prestando atenção na localização da Fazenda São José da Serra entende-se, em parte, a razão **do quase isolamento da comunidade. Escondidos** entre a Serra da Beleza e o Pico do Cavalo Ruço, seus moradores precisam ir a pé ou a cavalo, a cada 15 dias, a Santa Isabel do Rio Preto comprar sal e açúcar. (MELLO, 1997; *grifos nossos*)

Avaliamos que os significados da tradição, apresentados pela matéria, aproximam-se àquela ligada a uma visão habitual de folclore, atrelada à essencialidade e estaticidade. Esta abordagem pode ser visualizada na Carta do Folclore Americano, elaborada por um conjunto representativo de especialistas e aprovada pela OEA, em 1970. Neste documento, citado por Canclini (2000), o folclore é constituído por um conjunto de bens e formas culturais tradicionais, principalmente de caráter oral e local, sempre inalteráveis. Tomando esta perspectiva como referência, é comum atribuir a grupos comunitários uma essência tradicional - entendida como continuidade, permanência de uma doutrina, ou visão de mundo.

Para problematizarmos esta idéia avaliamos, conforme defende Foucault (1979, p.17-19), que a ação de perseguir tradições é uma forma de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição. Esta noção atribuída a sujeitos denominados remanescente de quilombo favorece uma visão romântica e a-histórica sobre o grupo. Deste modo, a busca de uma origem - como se houvesse uma identidade ainda preservada - contrapõe-se à perspectiva histórica que pressupõe transformações, rupturas e descontinuidades.

O terceiro aspecto discursivo expresso na matéria da revista “*Isto é*”, refere-se à visibilidade das precárias condições materiais do grupo. Leiamos o trecho abaixo:

“Passados 109 anos, a comunidade tem a posse da terra, **mas não sua propriedade. Vivem em casebres feitos de tijolo de barro cru e cobertos de sapês.** Sem documentos para contar suas origens, eles preservam suas raízes graças à tradição oral. Dos tempos da escravidão não sobraram muitos vestígios – apenas uma jabuticabeira é testemunha do passado quando os negros moravam na senzala e eram castigados pelos feitores. **Vivendo hoje como colonos, plantam feijão e milho no solo esgotado pelo café, que um dia fez riqueza dos fazendeiros**” ((MELLO, 1997; *grifos nossos*)

Qualquer visitante que vai à Comunidade de São José percebe as difíceis condições de vida dos moradores.³ Porém, como já abordado neste trabalho a questão não é saber se o discurso midiático é verdadeiro ou falso em relação ao referente, mas, analisar que implicações acarretam.

Deste modo, consideramos que a matéria de jornal, ao relatar as precárias condições materiais do grupo, condiciona, de igual modo, a posse da terra para manutenção das tradições. O subtítulo da matéria sugere esta questão: “*De pai para filho: no interior do Rio de Janeiro descendentes de escravos vivem sem luz e lutam para manter a tradição*”. Deste modo, a matéria indica que a posse da terra passa pelo pertencimento étnico-cultural.

Passados quatorze anos, da matéria publicada pela “*Isto é*”, encontramos semelhantes conteúdos discursivos. Devido às limitações de espaço examinaremos, na seqüência, apenas dois exemplos.

Em 2011, em um site sobre o turismo da região do Sul Fluminense⁴ publicou-se sobre a comunidade de São José da Serra uma matéria intitulada “*Quilombo da Fazenda São José: Conheça o ultimo quilombo do estado do Rio de Janeiro*”:

“O Quilombo da Fazenda São José fica a 20 Km de Conservatória, lá residem cerca de 100 pessoas negras, descendentes de escravos, que o mestre Aurélio define como: ‘*Valhacouto de escravos fugitivos*’. **Palco aberto de lendas, cenário de historias de costumes próprios de um povoado feliz,** a fazenda São José sensibiliza e comove, **os que têm acesso a aldeia. Comunidade pobre, humilde,** que não deixa de promover sua festas santas: Santo Antonio, São João, São Pedro, Natal sem esquecer do carnaval e a dança do caxambu.

³ No âmbito do projeto de Iniciação Científica realizamos visitas à comunidade de São José da Serra desde 2008.

⁴ Ver: <http://www.conservatoria.kit.net>. Acesso: setembro/2011

As festas sempre são feitas em torno de uma fogueira quando jovens, velhos e crianças passam a noite dançando jongo, ***uma dança de roda da época da escravidão.***” (Grifos nossos)

O segundo exemplo refere-se a uma pesquisa que realizamos no Facebook. Ao abordarmos a temática sobre os remanescentes de quilombo foram postados vários depoimentos. Leiamos alguns:

“Eu vejo como um cidadão isolado, esquecido pelo estado que luta pelo direito de ser considerado herdeiro de terras, de culturas, de tradições e luta pelo direito de ser respeitado (...) Por remanescente de quilombo entendo como herança cultural, algo desativado mas que ainda emana tudo que foi vivido pelos antepassados .” (Grifos nossos)

Estes dois exemplos sugerem uma continuidade discursiva entre as imagens produzidas sobre a comunidade de São José da Serra e o remanescente de quilombo, desde o final da década de 1990 até tempo presente. Novamente encontramos os modos de objetivação sobre o sujeito denominado remanescente de quilombo relacionado aos três aspectos: o caráter exótico, a permanência de práticas tradicionais e as precárias condições sociais destes sujeitos.

O termo, “*valhacouto de escravos fugidos*”, utilizado no site de turismo, citado no primeiro exemplo, para definir a comunidade de São José e, as expressões “*cidadão isolado*” “*algo desativado*”, “*emana tudo que foi vivido no passado*”, postadas no Face book, referindo-se ao sujeito denominado remanescente de quilombo, convergem com a visão tradicional de quilombo como “*comunidade de negros fugidos*”.

No Brasil, esta definição foi visualizada, em termos oficiais, pela primeira vez, em 1740, no documento do Conselho Ultramarino. Apesar das diferentes abordagens sobre os quilombolas construídas pela historiografia ao longo dos anos, a idéia do isolamento e da marginalidade naturalizou-se sobre estes sujeitos.

Embora, aponte Gomes (2006,p.25-26) que, na década de 1990, as pesquisas historiográficas problematizaram, em termos empíricos, esta concepção. Consideramos que estes discursos são enunciados porque há relações de poder presentes na sociedade que os validam. Parece-nos, plausível, supor que há uma ordem discursiva que apresenta os sujeitos denominados remanescente de quilombo como *exóticos; isolados; presos a tradição*. Obviamente as implicações políticas deste modo de subjetivação transformaram-se ao longo dos anos.

Contemporaneamente, este discurso transforma-se, de igual modo, num mecanismo que *classifica, separa e também interdita* quem é merecedor do direito: a posse da terra. Por isso, os mesmos conteúdos discursivos usados para atribuir legitimidade à comunidade de São José foram visualizados para desqualificar a comunidade de São Francisco do Paraguaçu, localizada no recôncavo baiano.

Em 2007, uma equipe da TV Bahia, afiliada da Rede Globo, esteve em São Francisco do Paraguaçu. Esta comunidade era uma das onze comunidades do Recôncavo Baiano que foram reconhecidas como remanescentes de quilombos.⁵ Os resultados das reportagens foram veiculados, no *Jornal Nacional*, sob o título de "*Suspeitas de fraude em área que vai ser reconhecida como quilombola*". Segundo a reportagem, os jornalistas conversando com os moradores da comunidade chegaram à conclusão que a maioria nunca havia ouvido falar da existência de um quilombo na região e, também afirmavam desconhecer a existência de resquícios de engenhos de cana-de-açúcar no local, onde os escravos teriam trabalhado. A comunidade, assim, é desqualificada, ao longo da reportagem, pelo fato de os jornalistas não encontrarem em Paraguaçu uma performance condizente como aquilo que foi o naturalizado como remanescente de quilombo.

Assim, podemos considerar que os discursos constituem-se como uma forma de poder que categoriza o indivíduo ligando-o à sua própria identidade, impondo-lhe uma lei de verdade, que este deve reconhecer e que os outros têm de reconhecer nele. (FOUCAULT, 1995, p. 235). Como ocorreu com a comunidade de Paraguaçu, porque o fato dos moradores não se autodenominarem como remanescentes de quilombo foi narrado pela matéria como uma suspeita de fraude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos discursos midiáticos nos permitiram entrever que, se por um lado, identificamos a naturalização do sujeito remanescente de quilombo, em torno do aspecto exótico e tradicional, como uma relação de poder que classifica, define e interdita estes sujeitos. Por outro lado, não podemos negligenciar o fato que estes discursos, também, ao relacionar a necessidade da terra para manutenção das tradições, como visualizamos em São

⁵ Ver: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em 19/09/2011.

José da Serra, contribuíram, tanto, para reforçar a imagem do grupo como remanescente de quilombo como despertar o interesse de turistas para as festas realizadas.

Ocorre que a ordem discursiva que legitima São José da Serra também pode desqualificar outros grupos, como por exemplo, a Comunidade de Paraguaçu do Recôncavo Baiano. Nesta perspectiva, consideramos que modos de subjetivação produzem efeitos de verdade sobre o que vem a ser o sujeito denominado remanescente de quilombo. Um sujeito que, em termos discursivos, é sujeito essencializado pelo aspecto étnico-cultural através uma incontornável identidade que tem como característica fundamental a experiência de *continuidade* com o passado.

A *sutileza* deste mecanismo refere-se ao silêncio das relações sociais que sustentam esta ordem discursiva. Ordem que atribui lugares aos sujeitos dos quais estes não podem sair. Avaliamos que as análises realizadas, ao longo trabalho, reforçaram nossa hipótese de que a luta pela terra realizada, contemporaneamente, por comunidades *denominadas remanescentes de quilombo*, não pode prescindir das problematizações sobre os significados construídos sobre o sujeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa. **Não queremos ser vistos apenas como artistas**: A comunidade Negra Remanescente do Quilombo de São José (1997-2007). Dissertação de Mestrado. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2010.

CANCLINI, Nestor. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Centro. São Paulo: Editora Edusp, 2000, p.213.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e poder. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória Filosófica. Tradução Vera Porto Carrero – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-248.

_____. **A Ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, 2010. (Ditos e Escritos; V)

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas**: Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MATTOS, Hebe. **Genealogia do Quilombo de São José**. In: ANDRE, Marcos. O Jongo do Quilombo de São José. Associação Brasil Mestiço, 2004.

_____. **Novos quilombos:** re-significação da memória do cativo entre descendentes da última geração de escravos. In: RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe Mattos. Memória do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 257-301.

_____. & MEIRELES, Lídia C. “**Meu pai e vovô falava:** quilombo é aqui” Memória do Cativo, Território e Identidade na Comunidade Negra Rural de São José da Serra. Relatório de Identificação de Comunidade Remanescente de Quilombo. Rio de Janeiro: LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem – UFF, 1998.

REIS, João José dos & GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** História dos quilombolas no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart & HERSCHANN, Micael. **Comunicação e História:** interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: Maud X: Globo Universidade, 2008.

Jornais, Revistas, sites e redes sociais

BARBOSA, Bia. **Quilombolas denunciam emissora de matéria fraudulenta.** Disponível em: [e](#) Edição 433, 15/5/2007. Acesso: Ago., 2011.

MELLO, Liana. De pai para filho: no interior do Rio de Janeiro descendentes de escravos vivem sem luz e lutam para manter a tradição. **Revista “Isto é”**. Rio de Janeiro: 21 de maio de 1997.

Site turístico de Conservatória < <http://www.conservatoria.kit.net/>>. Acesso em : set., 2011.

FACEBOOK - <http://pt-br.facebook.com>. Acesso Setembro de 2011.